



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA**

NOEMI DE SANTIAGO LIMA

**O CONSUMO DE TATUAGENS COMO UM SÍMBOLO DE EMPODERAMENTO
FEMININO EM FORTALEZA**

FORTALEZA

2017

NOEMI DE SANTIAGO LIMA

O CONSUMO DE TATUAGENS COMO UM SÍMBOLO DE EMPODERAMENTO
FEMININO EM FORTALEZA

Monografia apresentada para o Curso de Design-Moda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Design-Moda.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S226c

Santiago Lima, Noemi de.

O consumo de tatuagens como um símbolo de empoderamento feminino em Fortaleza / Noemi de Santiago Lima. – 2017.

46 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2017.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Tatuagem. 2. Feminismo. 3. Empoderamento. I. Título.

CDD 391

NOEMI DE SANTIAGO LIMA

O CONSUMO DE TATUAGENS COMO UM SÍMBOLO DE EMPODERAMENTO
FEMININO EM FORTALEZA

Monografia apresentada para o Curso de Design-Moda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Design-Moda.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Cyntia Tavares Marques de Queiroz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Esp. Joelma Damasceno de Matos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deusa.

E às minhas manas.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Francisca Mendes, pela excelente orientação, pelas dicas maravilhosas e pela paciência com meus anseios.

Às professoras participantes da banca examinadora Profa. Dra. Cyntia Tavares e Profa. Esp. Joelma Matos, pelos ensinamentos dados em sala e pelas valiosas colaborações durante esses anos.

Às tatuadoras que inspiraram o tema desse trabalho.

Às tatuadas entrevistadas, pelas reflexões e críticas recebidas.

“As tatuagens têm um poder e uma magia muito próprios. Enfeitam o corpo, mas também elevam a alma” (Michelle Delio).

RESUMO

Esse trabalho busca entender o desejo de consumo, de mulheres, por tatuagens, como um símbolo de empoderamento feminino, feitas por tatuadoras da cidade de Fortaleza e que carregam símbolos de resistência e empoderamento em suas ilustrações feministas, tomando a tatuagem como forma de autoafirmação de identidade própria. Porque as mulheres da contemporaneidade estão deixando de marcar sua pele com trabalhos de tatuadores para dar lugar a representatividade feminina no universo da tatuagem? Com a finalidade de entender o porquê dessa escolha pessoal e no que isso influencia na sua integração com o grupo específico em que se vive (lugar). Foi feita uma pesquisa bibliográfica, através de livros, artigos e publicações *online*, sobre tatuagens e mulheres, e, uma pesquisa qualitativa, na forma de entrevista semiestruturada, via formulário Google. Foram entrevistadas doze mulheres da cidade de Fortaleza e suas respostas indicaram um desejo de assegurar o lugar da mulher no mercado da tatuagem, na cidade, em busca de dar, às tatuadoras, visibilidade e credibilidade equivalente à dada aos tatuadores da cidade. Além disso, as entrevistadas consideram suas tatuagens um símbolo de sua individualidade como parte de um coletivo, percebendo seu corpo como elemento político.

Palavras-chave: Tatuagem. Feminismo. Empoderamento.

ABSTRACT

This paper seeks to understand the desire of women to consume tattoos, as a means of female empowerment, done by female tattoo artists in the city of Fortaleza, which carry symbols of resistance and empowerment in their feminist illustrations, looking at tattooing as a way of self-affirmation of one's own identity. Why have contemporary woman chosen to stop marking their skins with male tattoo artists in order to allow female representation some space in the tattoo industry? Attempting to understand the reason for this personal choice and what it implies on their integration with the specific group they lie around (place). A bibliographic research was conducted through books, articles and online publications on tattoos and women, in addition, a qualitative research, by the means of a semi-structured interview, conducted through Google forms. Twelve women, residents in the city of Fortaleza, were interviewed and their answers indicated a desire to reassure women's place in the tattoo industry, in the city, trying to provide visibility and credibility matching those of male tattoo artists in the city. Furthermore, these women think of their tattoos as a symbol of their own individuality as a part of a collectivity, regarding their bodies as a political element.

Keywords: Tattoo. Feminism. Empowerment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Vênus de Willendorf	23
Figura 2	– Derivação de símbolos planetários a partir de iniciais gregas de nomes de divindades	23
Figura 3	– Triângulo preto invertido	24
Figura 4	– Flor de lótus	24
Figura 5	– Coração e perfil	30
Figura 6	– Frases de música	30
Figura 7	– Frase e contorno	30
Figura 8	– Citação em inglês	30
Figura 9	– Símbolo de vênus e constelação de peixes	31
Figura 10	– Sol, lua e flor de lótus	31
Figura 11	– Lua e triângulo invertido	31
Figura 12	– Flor	31
Figura 13	– Frase em inglês	32
Figura 14	– Dois triângulos invertidos	32
Figura 15	– Símbolo de Vênus em folhas	33
Figura 16	– Frase e barco no mar	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	13
2.1	Tipo de pesquisa	13
2.2	População e amostra	13
2.3	Instrumento	14
2.4	Coleta de dados	14
2.5	Análise dos dados	15
3	TATUAGEM, MULHERES E CONSUMO	16
3.1	História da tatuagem	16
3.2	Tatuadoras e tatuadas	17
3.3	O consumo de tatuagens	19
3.4	A experiência como consumo	20
4	FEMINISMO E SÍMBOLOS	21
4.1	História do feminismo	21
4.2	Símbolos feministas	22
5	TATUAGENS E MULHERES NA CIDADE DE FORTALEZA	25
5.1	Tatuagem em Fortaleza	25
5.2	A cena feminina em Fortaleza	26
5.3	As tatuadoras em Fortaleza	27
6	AS MULHERES TATUADAS DA CIDADE DE FORTALEZA	29
	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	
	SEMIESTRUTURADA	42

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou entender o consumo de tatuagens, com ilustrações exclusivas de cunho feminista por mulheres da cidade de Fortaleza, de forma a contribuir para os estudos acadêmicos ligados ao tema, e também compreender como a prática deixou de ser um item exclusivo de uma cultura jovem e rebelde para tornar-se uma via de expressão da subjetividade da mulher fortalezense.

A tatuagem é uma arte milenar que passou a permear a vida e cultura ocidental na segunda metade do século XX, sendo, atualmente, considerada um símbolo de ousadia e personalidade. Ao decorrer de sua história, já foi vista de várias formas, sendo utilizada como forma de inclusão e exclusão pela classe dominante e pelos subordinados, e, atualmente, como forma de diferenciação social e empoderamento. Com a leitura de Goldenberg (2010) vimos que a tatuagem pode ser usada como uma forma de pertencimento a outro alguém, que tenta provar seus sentimentos através de uma tatuagem de amor.

A exclusividade no mercado de consumo sempre foi considerada como luxo, sendo uma pessoa que possui uma tatuagem original considerada superior a outras que tem uma arte já reproduzida. Durante muito tempo os artigos de luxo, como as tatuagens de desenhos exclusivos, foram consumidos apenas por motivo de status, mas, de acordo com Castilho e Villaça (2008), hoje essa necessidade de expor a riqueza perdeu lugar para o desejo de expressar uma identidade única e diferente, independentemente da necessidade da aparência luxuosa.

Com as novas transformações sociais da modernidade, as tatuagens passaram a ser desejo de consumo de mulheres independentes como forma de resistência e símbolo da luta feminista, para apoiar e incentivar outras mulheres, que é o caso estudado neste trabalho, onde mulheres buscam tatuar símbolos de cunho feministas através de ilustrações feitas por outras mulheres.

Sombra (2016) abordou a trajetória da tatuagem no contexto de sua inserção na história da moda. Concluiu que algo que era tido como marginalizado atingiu outro status na sociedade atual, de forma a se tornar algo “bem visto” e característico de um estilo pessoal.

Já Goldenberg (2010) falou das tatuagens de amor como expressão da relação de posse entre os parceiros, mostrou como os tatuadores veem essas tatuagens como modismo, fazendo com que a tatuagem perdesse sua originalidade e signo de individualidade. Como essa tatuagem-cópia tinha um “valor menor”, por não ser um desenho exclusivo pensado para o cliente.

Segundo Sardenberg (2009) o empoderamento é a libertação da mulher da opressão de gênero, com o objetivo de questionar e desestabilizar a ordem patriarcal que apoia a opressão de gênero.

A história do feminismo se iniciou com a Revolução Francesa, tendo seu auge na queima de sutiãs, um dos eventos de maior relevância histórica para a luta feminista. Segundo Perrot (2007), por séculos a mulher foi tida como um objeto, um ser socialmente invisível, confinada ao lar, vista como um troféu para suas famílias. Hoje o feminismo traz a ideia da mulher como prioridade em sua própria vida e busca formas de autonomia e libertação dos antigos paradigmas sociais.

Aqui não falamos sobre a desmarginalização da tatuagem, tratamos de como ela se tornou um símbolo de resistência feminista e uma forma de afirmação social na luta das mulheres da cidade de Fortaleza. Procuramos saber por que as mulheres fazem tatuagens com temáticas feministas, com tatuadoras, como forma de empoderamento? Como o consumo de tatuagens se tornou moda? O que leva as mulheres da contemporaneidade a escolherem tatuadoras? Seria uma forma de fortalecimento do movimento feminista? Teria o feminismo influenciado o surgimento de ilustrações de empoderamento por parte das tatuadoras fortalezenses? E, por fim, qual a relevância, para a moda, do consumo de tatuagem como símbolo de empoderamento feminista? Essas são as questões que buscamos responder com esse trabalho, procurando entender o desejo de consumo de mulheres que escolhem tatuadoras, com estilo próprio e desenhos simbólicos, para obter um elemento de estilo exclusivo como símbolo de empoderamento feminino.

O objetivo desse trabalho foi mostrar como a tatuagem se tornou uma ferramenta de empoderamento feminino, na cidade de Fortaleza, através de desenhos exclusivos.

Tivemos como objetivos específicos: conhecer através da história da tatuagem, quais foram as primeiras mulheres tatuadas, entender como essa modificação corporal se tornou um símbolo social e marco da libertação da mulher na nossa sociedade. Pesquisar o consumo da experiência na tatuagem através de ilustrações de cunho feminista. E por fim, descobrir como o movimento feminista se propagou na vida das mulheres e como ele pode ser ferramenta de transformações sociais.

A relevância deste trabalho está em mostrar a relação existente entre moda e consumo de tatuagens, no meio do movimento feminista: como tem influenciado no comportamento pessoal das mulheres, na forma de elas se vestirem, como isso tem dado visibilidade para artistas e tatuadoras de Fortaleza. Procurou contribuir, ainda, para os estudos acadêmicos ligados ao consumo de tatuagens como forma de adereço, elemento de moda e

expressão única do indivíduo, assim como, forma de esclarecer questionamentos pessoais preexistentes sobre o tema.

A escolha do tema surgiu através do interesse da pesquisadora em desenhos, tatuagens e modificações corporais, assim como, temas ligados ao feminismo e ao sagrado feminino. Este interesse pelas modificações corporais, juntamente com o recente fortalecimento do movimento feminista na cidade, levou a pesquisadora a tornar-se, durante o curso desta pesquisa, aprendiz de tatuadora.

De cunho qualitativo, a pesquisa foi feita através de uma pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas, via internet, com tatuadas da cidade de Fortaleza.

O trabalho foi estruturado em seis capítulos. O primeiro capítulo e o segundo capítulo são introdução e metodologia, respectivamente. O terceiro apresenta a história da tatuagem e a contribuição feminina nesse contexto, assim como, o consumo da tatuagem como experiência. No quarto, discorremos sobre a história e os símbolos feministas. No quinto capítulo falamos sobre a tatuagem no contexto da cidade de Fortaleza. No sexto e último capítulo, a análise, discorremos sobre as tatuadoras e as tatuadas de Fortaleza.

Os resultados encontrados apontam para um desejo, por parte das entrevistadas, de marcar seus corpos com algo que mudou suas formas de estar no mundo. Para muitas, suas tatuagens fazem parte de quem elas são e marcam uma importante descoberta em suas vidas; o feminismo. Também há uma busca crescente de uma maior qualidade e satisfação na experiência em si, sendo ela considerada, por essas mulheres, mais importante que o produto final.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Conduzimos, a princípio, pesquisas bibliográfica e documental através de livros, publicação, artigos e revistas cujos temas têm relevância para este trabalho. A pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2002), é feita através de material já pronto, formado principalmente por artigos científicos e livros. Ainda segundo o autor, a pesquisa documental se assemelha à pesquisa bibliográfica, em sua essência, no entanto a documental tem como fontes materiais não revisados, como revistas, cartas pessoais e jornais.

Foi feita uma pesquisa qualitativa que, para Gil (2006), pode ser definida como um procedimento racional e sistemático com o objetivo de proporcionar respostas aos problemas e interpretação dos dados.

Além destas, fizemos uma entrevista semiestruturada, via formulário *Google*. Nas entrevistas demos mais importância ao processo e à perspectiva daqueles que participam dos processos que ao produto final.

2.2 População e amostra

Foram feitas entrevistas através de um formulário (Apêndice A) *online* com doze mulheres, que possuem tatuagens exclusivas de cunho feminista feitas por tatuadoras, tendo como foco as tatuadas da cidade de Fortaleza.

As perguntas foram feitas via formulário *Google, online*, totalizando treze questões. As entrevistadas são mulheres com idade entre 19 e 25 anos residentes na cidade de Fortaleza. Como mencionado acima, inicialmente, a entrevista seria feita apenas com mulheres que possuísem tatuagens de cunho feminista e que só tivessem feito tatuagens com mulheres, no entanto, essa amostra se tornou insuficiente para a análise das respostas. Dessa forma, abrimos o formulário para mulheres que, apesar de já terem sido tatuadas por homens, em certo momento, decidiram que, futuramente, só se tatuariam com mulheres e, também, para aquelas cujas tatuagens não possuem caráter feminista, porém, foram feitas por mulheres, sob a escolha consciente de se tatuar com uma delas.

Abaixo (Quadro 1) consta a tabela com nomes ou apelidos (pedimos que se identificassem da maneira que achassem melhor) das entrevistadas, identificação utilizada neste trabalho, idade e quantidade de tatuagens, como um perfil resumido da amostra.

Quadro 1: identificação das entrevistadas

Nome ou apelido	Idade	Quantidade de tatuagens
Aline	22	1
Graziela	19	1
Isabele	21	1
Karmyna	22	7
Karol	22	4
Lê	19	4
Lola	22	3
Manu	25	2
Marina	22	4
Mille	21	7
Taiz	24	6
Cibelle	21	6

Fonte: respostas do formulário da entrevista semiestruturada realizada nesta pesquisa.

2.3 Instrumento

A entrevista realizada via formulário *online* foi uma das bases fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é um instrumento indispensável para a coleta de dados em uma pesquisa de caráter qualitativo por permitir que o pesquisador evidencie, ou não, as questões levantadas em seu trabalho, através das respostas dos entrevistados.

O formulário consistiu em treze perguntas, sendo as cinco primeiras sobre o perfil da entrevistada (nome, idade, cidade, número de tatuagens etc.), e o restante sobre as experiências das entrevistadas em relação a tatuagens adquiridas com outras mulheres e sua interação com o movimento feminista na cidade de Fortaleza.

2.4 Coleta de dados

O estudo se deu em três etapas: 1) Levantamento de dados - através de sites e blogs da internet, sendo os mais relevantes os sites das revistas National Geographic¹ e Super Interessante²; 2) Pesquisa bibliográfica e documental; 3) Entrevista semiestruturada – por meio de um formulário de perguntas abertas; 4) Tratamento de dados – ainda segundo Gil (2002) nesta etapa analisamos e interpretamos os dados coletados nas pesquisas e entrevistas.

2.5 Análise dos dados

As informações coletadas através das pesquisas bibliográficas, documentais, qualitativas e quantitativas (publicações, sites, artigos, blogs, entrevistas e questionários) foram analisadas na busca de evidenciar uma possível relação entre as tatuagens, a simbologia feminina e as tatuadas.

As tatuadas, suas motivações e impressões sobre as tatuagens com temática feminista foram, desde o início, o foco desta pesquisa. Saber o que leva essas mulheres a buscarem este tipo de tatuagens e como elas enxergam essa prática tem sido o objetivo deste trabalho. Dessa forma, realizamos entrevistas semiestruturadas, como foi mencionado anteriormente, com doze mulheres que possuem tatuagens de cunho feminista, na busca de responder algumas questões postas no início deste trabalho. As primeiras cinco perguntas do formulário dão conta de estabelecer um perfil das entrevistadas, como apresentado no Quadro 1, as próximas quatro tratam das motivações dessas mulheres em fazer este tipo de tatuagem e, as últimas quatro indagam as suas percepções sobre as influências do feminismo no mercado de consumo de tatuagens.

¹ MELLO, Mariana. **Arte à Flor da Pele**. Revista Super Interessante, 2016. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/arte-a-flor-da-pele/>>. Acesso em 3 abr 2017.

² BARBAJOSA, Cassandra Franklin. **Tattoo: Pigments of Imagination**. National Geographic Magazine, 2014. Disponível em: <http://ngm.nationalgeographic.com/ngm/0412/online_extra.html>. Acesso em: 29 maio 2016.

3 TATUAGEM, MULHERES E CONSUMO

A história da tatuagem e a da luta feminista podem estar distantes no tempo e terem se iniciado por razões nada parecidas, no entanto, com o crescente avanço da conscientização sobre o movimento feminista por parte das mulheres e a popularização da prática da tatuagem, suas trajetórias se cruzam, proporcionando um novo significado para tão antiga forma de expressão social.

3.1 História da tatuagem

A tatuagem já teve diferentes significados durante sua existência, saindo da marginalização para tornar-se um adereço estético na modernidade. A história da tatuagem remonta ao início da civilização. Muitos são os povos conhecidos que praticavam esta arte milenar. Com diferentes técnicas e com propósitos diversos, a tatuagem permeou culturas e milênios, superou críticas e preconceitos para se tornar, na atualidade, uma das mais populares formas de arte, consumida por todos os públicos.

O termo “tattoo” tem origem na palavra “tatau” e faz alusão ao som que era emitido durante o processo de tatuagem dos nativos do Taiti, e é o mais utilizado no mundo inteiro para designar a prática. O contato mais documentado da cultura ocidental com a tatuagem foi, em 1769, entre o inglês James Cook e esse povo, sendo considerado o pai da palavra “tattoo” e responsável por divulgar tal prática. A tatuagem logo foi adotada como forma de distinguir criminosos pelo governo inglês, chegando a ser proibida em certo momento (VASCONCELOS, 2016).

Não se pode dizer ao certo quando se originou essa prática ou qual povo foi o pioneiro, pode-se apenas afirmar que foram muitas as técnicas utilizadas por esses povos para marcar permanentemente suas peles e muitos significados que podiam ter. Um dos mais antigos registros da utilização da tatuagem data de 5300 a.C. e foi descoberto em 1991, nos alpes italianos: um homem com marcas geométricas na pele, conhecido como o “homem de Ötzi”, com mais de cinquenta tatuagens com provável significado religioso. Há incidência de múmias egípcias femininas que apresentam marcas no corpo, na região do abdômen, que devem ter conexão com os cultos a fertilidade, como a princesa Amunet de Tebas que viveu em 2000 a.C.³

No Brasil, a tatuagem esteve presente desde o período pré-colonial, pois as tribos

³ MELLO, Mariana. **Arte à Flor da Pele**. Revista Super Interessante, 2016. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/arte-a-flor-da-pele/>>. Acesso em 3 abr 2017.

nativas que aqui habitavam já desenvolviam técnicas primitivas para marcar seu corpo permanentemente; rituais de passagem, de antropofagia, entre outros, figuravam entre os motivos que levavam esses indivíduos a terem seus corpos marcados. Mas a prática da tatuagem como conhecemos hoje não foi herdada por nós através dos nativos, foi trazida de fora pela população marginalizada e de baixa renda⁴.

No século XX, no Rio de Janeiro, a tatuagem era praticada por garotos de dez a doze anos de idade, agenciados por um tatuador mais velho, e, segundo Marques (1997), faturavam mais que marinheiros. Os meninos andavam pelas ruelas da cidade oferecendo “marcar” aqueles que eles próprios julgavam como público interessado (marinheiros, trabalhadores braçais, criminosos) e faziam as marcações com agulhas simples e tinta, no meio da rua, sem qualquer higiene.

Já por volta dos anos 1970, a tatuagem começou a aparecer nas praias do Rio. Em Ipanema, era possível encontrar pessoas tatuadas e, com a contracultura da época, logo as tatuagens se espalharam no meio dos surfistas, artistas e intelectuais, ganhando assim espaço na mídia. Foi nessa época que apareceu a primeira tatuadora profissional do Brasil, Ana Velho, carioca que dirigiu um dos primeiros estúdios de tatuagens da Rio de Janeiro, aberto por volta de 1980.

3.2 Tatuadoras e tatuadas

A primeira mulher tatuadora de que se tem registro foi Maud Wagner, americana que viveu da virada do século XIX para o XX. Wagner exibia um corpo totalmente tatuado e foi artista circense, assim como a maioria das mulheres tatuadas da época. Conta-se que Maud, para conseguir aprender a tatuar, trocava encontros por aulas de tatuagens com um tatuador que, futuramente, tornou-se seu marido. Outra tatuadora que também ficou conhecida foi Mildred Hull que entrou para a história como uma das primeiras a ter aprendido a profissão sem o intermédio de seu namorado. Isso nos dá uma ideia da dificuldade para as mulheres, que desejavam ser tatuadoras ou se tatuar, pois os estúdios se encontravam em ruelas, no canto de barbearias, ambientes predominantemente masculinos e zona proibida para moças que não queriam ser consideradas prostitutas.⁵

⁴ BARBAJOSA, Cassandra Franklin. *Tattoo: Pigments of Imagination*. National Geographic Magazine, 2014. Disponível em: <http://ngm.nationalgeographic.com/ngm/0412/online_extra.html>. Acesso em: 29 maio 2016

⁵ VASCONCELLOS, Nuta. *A História das Tatuagens em Garotas*. [S.l.:s.n], 2013. Disponível em: <<http://www.gwsmag.com/a-historia-das-tatuagens-em-garotas/>>. Acesso em: 30 maio 2016.

A tatuagem era mal vista pela sociedade, principalmente em mulheres, durante todo o tempo em que elas praticaram a profissão. Garotas tatuadas não eram consideradas de boa família, segundo Margot Mifflin, em *Bodies of Subversion: A Secret History of Women and Tattoo*. Somente a partir dos anos 1980 a prática começou a ser socialmente aceita. Com o advento da TV e da cultura pop, artistas de reconhecimento mundial exibiam seus corpos tatuados em séries, filmes, vídeo clipes e premiações transmitidas ao mundo inteiro, desfazendo a ideia de que pessoas tatuadas eram criminosas e de classes inferiores.

Essa crença teve início no fim do século XIX com a popularização dos *freak shows* que incluíam em suas atrações pessoas tatuadas, em especial mulheres (PORCELLA, 2009).

Recentemente, a tatuadora e personalidade televisiva norte-americana, Kat Von D, ganhou o mundo ao estrelar um *reality show* mostrando a rotina de um estúdio de tatuagens, *Miami Ink*. Chegando ao programa quando este já tinha iniciado, elevou a audiência e tornou-se a estrela do programa, ganhando seu próprio estúdio e *reality* em Los Angeles, Estados Unidos, o *LA Ink*, assistido por milhões de pessoas no mundo inteiro. Foi um grande marco e um enorme passo para as mulheres no contexto da tatuagem; o programa mostrou as pessoas por trás das tatuagens, as histórias pessoais de cada uma delas, de certa forma, humanizando a prática, mudando o ponto de vista e quebrando preconceitos.

O telespectador não via criminosos fazendo tatuagens nesses programas, via pessoas comuns que poderiam fazer parte do seu dia a dia ou até poderiam ser elas próprias se tatuando pelos mais variados motivos: luto, superação, transformação, aceitação, comemoração, amor, tradição, religião, amizade, família e até *hobby*.⁶

Uma pesquisa⁷ feita em 2012 pelo canal de televisão americano *Oxygen* e a empresa *Lightspeed Research* revelou que o número de mulheres tatuadas nos Estados Unidos superou o número de homens tatuados, 59% das mulheres entrevistadas tinham tatuagens, enquanto apenas 41% dos homens entrevistados as tinham. A pesquisa revelou ainda que 40% das mulheres buscavam a tatuagem como uma experiência compartilhada, fazendo uma *tattoo* com um grupo de amigos ou com um parceiro amoroso.

Fato que também encontramos em Goldenberg (2010), as “tatuagens de amor”, quando um casal tatua o nome um do outro em seus corpos como uma forma de contrato de propriedade. Isso revela que a prática da tatuagem, para o público feminino, no geral, vai além

⁶ PATTERSON, Leigh. *From Kat Von D to Lena Dunham: An Amazing History of Women and Tattoos*. [S.l.:s.n.], 2013. Disponível em: <<http://flavorwire.com/366800/from-kat-von-d-to-lena-dunham-an-amazing-history-of-women-and-tattoos>>. Acesso em: 29 maio 2016.

⁷ SINHA-ROY, Piya. *Tattooed Women Outnumber Men in a New Poll*. Los Angeles, 2012. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-tattoos-women-idUSTRE8241SF20120305>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

do próprio ato de se tatuar ou de possuir uma tatuagem, é um ato social, uma espécie de pacto, um evento que celebra uma relação íntima de amor com outra pessoa ou consigo mesma.

No Ceará, especificamente em Fortaleza, tem crescido a presença feminina no mercado de tatuagem, como mostra uma entrevista feita pelo jornal O Povo⁸ em junho de 2016 com três mulheres tatuadoras da cidade de Fortaleza, sobre as dificuldades encontradas por essas mulheres em um mercado que fora predominantemente masculino até poucos anos atrás.

3.3 O consumo de tatuagens

Historicamente, a tatuagem tem sido consumida por classes ditas inferiores como criminosos, prostitutas e pessoas de comportamento “desviado”, e seus portadores têm sido alvo de preconceitos sociais, desde a época da propagação da técnica, na Inglaterra, adotada prontamente por marinheiros e trabalhadores braçais (PORCELLA, 2009). No entanto, hoje esse preconceito tem sido aos poucos desconstruído com a presença na mídia de artistas e personalidades tatuadas e com a sociedade, aos poucos, aceitando a ideia de que a tatuagem é uma forma de arte.

Segundo pesquisa feita por Watson (1998), o consumo de tatuagens por mulheres está bastante ligado a, em livre tradução, “Feminilidade, Voto e Tatuagens Pessoais”, ou seja, as mulheres buscam consumir tatuagens como uma forma de exaltar sua feminilidade, celebrar fortes laços emocionais, com amigos ou amantes, ou com um significado pessoal, o que implica que nem sempre a tatuagem precisa estar num local visível do corpo. O público feminino tende a não se importar em mostrar sua tatuagem para os outros, pois, muitas vezes, o significado pode ser desconhecido por outras pessoas que não sejam aquelas envolvidas no “evento” – um desenho que parece sem sentido para um observador de fora, mas que tem forte significado pessoal para as pessoas que a possuem.

Dessa forma, pode-se dizer que as tatuagens feministas surgem como uma espécie de linguagem e celebram uma relação de irmandade entre as mulheres, que escolheram ter desenhos em seus corpos exaltando o feminino. Uma “tattoo”⁹, que pode parecer apenas um desenho bonito aos olhos de um observador desavisado, pode na verdade estar carregada de simbolismos e mensagens ligados às mulheres, que somente as envolvidas compreenderão o seu significado e a sua importância.

⁸ SANTOS, Lua. **Tatuagens Com Mulheres**. Fortaleza: O Povo, 2016. Disponível em: <<http://especiais.opovo.com.br/tatuagenscommulheres/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

⁹ Forma coloquial, derivada do inglês, de se referir a uma tatuagem.

3.4 A experiência da tatuagem como consumo

Segundo Lipovetsky (2007) o capitalismo de consumo que vivemos atualmente teve início na virada do século XX para o XXI, quando o consumo deixou de estar associado com a ostentação material e passou a estar ligado ao bem-estar pessoal. Ainda segundo ele, nossa sociedade vive um momento em que os indivíduos estão sempre em busca de novidades, de mudanças, para preencher sua necessidade de “sair da rotina”. Os pequenos prazeres ganharam um papel essencial na rotina de consumo dos indivíduos, que agora têm uma ligação emocional com aquilo que consomem, transformando aquele pequeno momento de satisfação pessoal (um jantar especial, uma ida ao cinema, uma nova tatuagem) numa expressão do que se define como felicidade atualmente. A felicidade é o bem-estar, sentir-se bem é estar feliz.

Agora, a busca das felicidades privadas, a otimização de nossos recursos corporais e relacionais, a saúde ilimitada, a conquista de espaços-tempos personalizados é que servem de base à dinâmica consumista: a era ostentatória dos objetos foi suplantada pelo reino da hipermercadoria desconflitada e pós-conformista. O apogeu da mercadoria não é o valor signo diferencial, mas o valor experiencial, o consumo "puro" valendo não como significante social, mas como conjunto de serviços para o indivíduo. (LIPOVETSKY, 2007, p. 27)

Dessa forma, o consumo não se resume apenas ao ato de adquirir um bem, mas é também uma experiência que deve ser positiva para ser satisfatória, de forma que, mesmo obtendo satisfação com o bem adquirido, se a experiência como um todo (o atendimento na loja ou as instalações do local) não tiver sido igualmente satisfatória, não foi totalmente positiva. Isso significa que a qualidade ou a fama de um certo produto ou marca pode ser vendida no mercado por uma melhor forma de relacionamento com os clientes, por exemplo.

Os bens mercantis funcionavam tendencialmente como símbolos de status, agora eles aparecem cada vez mais como serviços à pessoa. Das coisas esperamos menos que nos classifiquem em relação aos outros e mais que nos permitam ser mais independentes e mais móveis, sentir sensações, viver experiências, melhorar nossa qualidade de vida, conservar juventude e saúde. (LIPOVETSKY, 2007, p. 26)

Nesta pesquisa, essa relação de consumo, se evidencia no fato de que as mulheres têm buscado, cada vez mais, tatuadoras para fazerem suas tatuagens pelo fato de serem elas mulheres, também, e poderem proporcionar uma experiência de consumo diferente da dos tatuadores em geral, para o público feminino.

4 FEMINISMO E SÍMBOLOS

Aqui abordaremos a história do movimento feminista no Brasil e no mundo, entendendo como e porque surgiu, assim como de que forma veio a modificar o lugar da mulher no mundo. Mais além, falaremos sobre os símbolos e as imagens, historicamente ligadas ao feminino, e como esses vieram a se desenvolver e se modificar com o passar dos anos.

4.1 História do feminismo

O movimento feminista tem início na Europa, mais especificamente na Inglaterra, no final do século XIX, com a Revolução Industrial. As mulheres, que tiveram seus maridos, filhos e pais recrutados para as guerras, haviam saído do lar para trabalhar nas fábricas. Longas jornadas, péssimas condições de trabalho e abusos constantes por parte dos patrões foram apenas algumas das causas do primeiro levante feminista da história.

Ao retornarem para suas casas, os homens esperavam que suas mulheres deixassem seus trabalhos nas fábricas e voltassem para casa para cuidar do lar, porém, tomadas pelo recém-descoberto sentimento de autonomia – ter dinheiro para chamar de seu e poder fazer com ele o que quiser – se recusaram e fizeram uma revolução. Nesse contexto, as mulheres, pela primeira vez na história, se organizam como uma unidade para lutar por seus direitos, as *suffragettes*, como ficaram conhecidas, lutaram durante anos pelo direito ao voto feminino, indo às ruas e chamando as mulheres para a luta (PINTO, 2009).

O ideal se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil, iniciando em 1910 a luta pelo sufrágio feminino. “As sufragistas brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. [...] Este direito foi conquistado em 1932, [...]” (PINTO, 2009, p. 16).

O segundo momento em que o movimento surge com força no mundo é na década de 1960, em especial nos Estados Unidos, com os movimentos sociais e a onda *hippie* de tolerância e “paz e amor”. A cultura pop, música e televisão são grande influência para as mudanças sociais que viriam a partir dessa década. No Brasil, no entanto, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo regresso e a repressão do período ditatorial militar. O movimento feminista, aqui, foi duramente reprimido e as feministas eram vistas pelo governo como uma ameaça e “o regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como políticas e moralmente perigosas” (PINTO, 2009, p. 16-17).

No Brasil, ainda segundo Pinto (2009), somente a partir dos anos 1980 os movimentos sociais voltaram a ter força. Com o fim do regime militar e o fim da censura surgiram grupos feministas que, então, consistiam na sua grande parte de mulheres intelectuais de classe média que traziam os ideais de suas viagens à Europa, unidas pela causa de garantir direitos iguais e autonomia.

Atualmente existem diversos grupos feministas que desenvolvem ações e realizam manifestações pelos direitos da mulher em todo o País e no mundo. A primeira metade da década de 2010 foi bastante movimentada em relação às lutas pelos direitos humanos em todo o mundo, em especial as lutas pela saúde da mulher e o seu direito sobre seu corpo. A mundialmente conhecida Marcha das Vadias é um evento que leva milhares de mulheres às ruas, algumas só de sutiãs, outras sem camisa, cada uma encontrando sua forma de manifestar-se em busca de conscientizar a população, contra assédios e privações enfrentadas por mulheres todos os dias assim como afirmar seu direito sobre seus próprios corpos.

4.2 Símbolos feministas

A simbologia é uma antiga forma de comunicação do ser humano, em cavernas no mundo inteiro são encontrados símbolos que datam do início da civilização e muitos permanecem um enigma para nós. Uma visita ao interior do nosso Nordeste pode nos revelar que a simbologia foi muito utilizada pelos nossos nativos também, na forma de pinturas rupestres, encontradas em paredes de cavernas no interior no Piauí, em São Raimundo Nonato.

As cenas que mais se destacam são a de reprodução, de gestação e parto, exaltando a figura feminina como fonte reprodutiva. Em sítios arqueológicos em toda parte são encontradas pequenas estatuetas e esculturas retratando a mulher ou fazendo alusão ao feminino, como a mundialmente conhecida Vênus de Willendorf (Figura 1), encontrada em um sítio arqueológico na Áustria. Com pouco mais de dez centímetros de altura a pequena estatueta foi esculpida no período paleolítico, a cerca de 4500 anos atrás, e é uma obra ao culto da fertilidade feminina, muito praticado pelos antigos povos (WITCOMBE, 2013).

Figura 1 – Vênus de Willendorf.



Fonte: Witcomb (2013).

O símbolo universalmente usado para designar o sexo feminino é um símbolo da astrologia, utilizado por antigas civilizações para identificar a deusa Vênus, mãe do feminino, do amor, da fertilidade e objeto de cultos ao feminino. Segundo Prieto (2006), em ritos de passagem, o símbolo retrata o espelho na mão de Vênus, e é, na verdade, uma evolução da palavra *phosphorus*, uma espécie de abreviação, utilizada para designar o planeta regido pela deusa Vênus (Figura 2). Foi utilizado pela primeira vez no âmbito da biologia para designar o sexo feminino, ganhando uso pela sua praticidade. Atualmente, foi substituído em grande parte nas publicações, pois não havia um caractere com o desenho; o símbolo que tomou lugar foi o círculo, que é mais simples de ser encontrado e impresso.

Figura 2 – Derivação de símbolos planetários a partir de iniciais gregas de nomes de divindades.

Kronos	: K = X ρ = r	κ̣ κ̣ κ̣ κ̣ κ̣ κ̣
Zeus	: Z = z / = afk. streep	ζ̣ ζ̣ ζ̣
Thouros	: θ = Th ρ = r	♄ ♄ ♄ ♄
Phosphoros:	Φ = Ph	♀ ♀ ♀ ♀ ♀
Stilbon	: γ = S f = t	♿ ♿ ♿ ♿

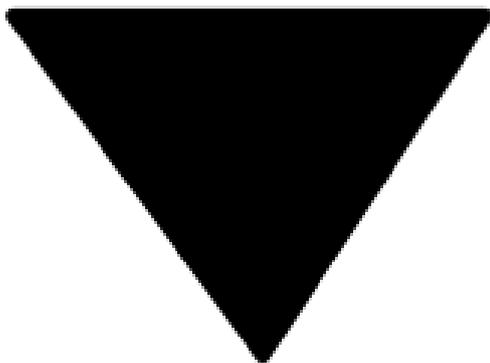
Fig. 3. Derivation of planetary symbols from Greek initial letters of names of deities (after Renkema, 1942): Kronos (Saturn); Zeus (Jupiter), with mark of abbreviation; Thouros (Mars); Phosphoros (Venus); Stilbon (Mercury).

Fonte: STEARN, William T. *The Origin of The Male and Female Symbols of Biology*. Taxon, Vol. 11, 1962.

Atualmente há vários símbolos utilizados para exaltar o feminino, com a globalização da informação, símbolos de várias culturas e épocas são trazidos de volta na busca de representar a mulher. A simbologia feminina está muitas vezes associada à natureza e a vida, pois a natureza é a mãe de todos e todos nascem de uma mulher.

O triângulo preto de cabeça para baixo (Figura 3) é uma das formas mais utilizadas nos dias de hoje para representar o feminino, de forma simples e figurativa, pode ser encontrado em vários tamanhos, cores e variações, tatuados nos corpos de mulheres de todo o mundo, assim como o próprio símbolo de Vênus, e a flor de lótus (Figura 4), amplamente utilizada na cultura oriental para designar o órgão feminino que era tido para eles como misterioso e fonte do equilíbrio *Ying-Yang*.

Figura 3 – Triângulo preto invertido.



Fonte: <http://www.simbolos.net.br/simbolos-feministas/>

Figura 4 – Flor de lótus.



Fonte: <http://flores.culturamix.com/flores/naturais/o-cultivo-da-flor-de-lotus>

Todos esses símbolos e imagens nos ajudam a compreender a história da mulher na humanidade e a reverência prestada a ela por diferentes culturas, tornando-se quase uma biblioteca visual que serve de inspiração para as artistas.

5 TATUAGENS E MULHERES NA CIDADE DE FORTALEZA

Durante a pesquisa bibliográfica, notou-se que, na cidade de Fortaleza, existem poucas pesquisas e publicações sobre o tema de tatuagens com mulheres e empoderamento feminino, existindo apenas alguns artigos acadêmicos e publicações de jornais *online*. Dentre esses, destacam-se o artigo de conclusão de curso de Amanda Vasconcelos (2016) e a matéria “Tatuagens com Mulheres” publicada em 21 de junho de 2016 no jornal *O Povo*.¹⁰

Desta forma, através do estudo e da análise das fontes citadas acima, em conjunto com as demais fontes bibliográficas e documentais utilizadas nesta pesquisa, e com a ajuda de publicações de jornais e revistas *online* buscou-se desenvolver o tema das tatuagens com mulheres na cidade de Fortaleza.

5.1 Tatuagem em Fortaleza

O mercado de tatuagem na cidade de Fortaleza foi, durante muito tempo, restrito, como conta uma matéria do jornal *Diário do Nordeste*¹¹, publicada em 2016, contendo um resumo de como se iniciou a tatuagem na cidade e algumas entrevistas. Tatuadores e tatuadoras de diferentes perfis, com mais e menos anos de atuação, contam sobre as dificuldades de se trabalhar com tatuagens nos últimos dez ou quinze anos, construindo a trajetória da tatuagem na cidade. Até este tempo, o local mais conhecido na cidade para se fazer uma tatuagem era a Galeria Pedro Jorge, no Centro da cidade, que abriga a Galeria do Rock. É de lá que vieram alguns dos entrevistados na matéria citada acima.

Os tatuadores contam ainda, na entrevista ao *Diário do Nordeste*, que, de dez anos para cá, as coisas que mais mudaram no ramo foram o perfil dos clientes e os materiais. Se antes tudo era esterilizável, hoje, é tudo descartável, oferecendo uma segurança maior ao cliente. Quanto ao perfil daqueles que buscam ser tatuados, o tatuador Amilton Inácio, proprietário de um dos maiores estúdios de tatuagem da cidade, o Santa Tatuagem, diz, por exemplo, que tem recebido clientes cada vez mais velhos: “até hoje eu atendo pessoas que sempre quiseram fazer tatuagem, mas, devido ao preconceito, nunca fizeram, e hoje vêm aqui para fazer, mesmo aos sessenta, sessenta e cinco anos de idade”. Mais uma vez evidenciando

¹⁰ SANTOS, Lua. **Tatuagens Com Mulheres**. Fortaleza: O Povo, 2016. Disponível em: <<http://especiais.opovo.com.br/tatuagenscommulheres/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

¹¹ RODRIGUES, Ildefonso. **Arte no Corpo**. Fortaleza: Diário do Nordeste, 2016. Disponível em: <http://plus.diariodonordeste.com.br/tattoo-arte-no-corpo/>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

a expansão do público da tatuagem, que antes era, em sua maioria, formado por jovens.

Ainda sobre a mudança de perfil, o artista Kiko Inline, do estúdio Madame Tattoo, fala um pouco, na matéria do Jornal Diário, sobre o quesito exclusividade na tatuagem contemporânea, evidenciando uma setorização de estilos com os artistas: “antigamente, a gente era focado em fazer tudo, e não em um estilo. O que viesse a gente fazia. Hoje não, os tatuadores estudam mais para dar continuidade ao estilo”.

Esta segmentação permitiu um grau de especialização entre os artistas, cada qual com seu estilo específico, gerando o mercado que vem se desenvolvendo atualmente na cidade, onde existem filas de espera para ser atendido por um tatuador ou tatuadora específica, por conta do tipo de trabalho que desenvolve em suas tatuagens; suas temáticas, inspirações e traço. A escolha do tatuador, atualmente, é uma escolha muito mais pessoal que no passado, hoje é comum se escolher o artista antes e, criar, junto com ele, o desenho da sua tatuagem.

5.2 A cena feminina em Fortaleza

Como mencionado anteriormente, são poucas as publicações sobre os temas abordados neste trabalho, na cidade de Fortaleza. Através de uma rápida pesquisa na internet, percebemos que, até, aproximadamente, 2012, não foram encontradas, durante esta pesquisa, publicações em jornais, revistas, sites ou blogs *online* sobre mulheres que fazem tatuagens ou que se tatuam na cidade de Fortaleza. E, nestes últimos cinco anos, poucas foram as novas publicações que surgiram. Dessa forma tentamos contar aqui a trajetória da mulher na tatuagem fortalezense através de entrevistas e artigos publicados *online* com algumas tatuadoras da cidade cujos trabalhos são relevantes para esta pesquisa.

A matéria mais antiga encontrada foi publicada em um site do jornal O Povo, em agosto de 2012¹² e fala, exclusivamente, da artista Mariana Kuroyama e de como seu traço único e diferenciado tinha lhe conferido destaque na cena da tatuagem, tanto em Fortaleza quanto em São Paulo. Após esta matéria, somente dois anos depois, foi publicada em julho de 2014, por um blog de moda¹³ outro artigo e conta, resumidamente, sobre a trajetória e rotina de duas tatuadoras do Kaleidoscope Studio, Isa Montenegro e Amanda Roosevelt. Esta última, presente, também, em uma entrevista realizada pelo jornal O Povo, mais extensa que a anterior,

¹² UMA CARREIRA TRAÇADA POR LINHAS SOFISTICADAS. Fortaleza: O Povo, 2012. Disponível em: <<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/economia/2012/08/04/noticiasjornaleconomia,2892131/uma-carreira-tracada-por-linhas-sofisticadas.shtml>> Acesso em: 2 mai. 2017.

¹³ DOURADO, Gabriela. **Tatuadoras Mostram seu Estilo**. Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://desenroladas.com.br/estilo/looks-tatuadoras/>>. Acesso em 30 abr. 2017.

dois anos depois. As matérias revelam como iniciaram suas carreiras, as dificuldades que encontraram no caminho e, entre outros temas, como lidam com um ramo que tem sido, historicamente, dominado por homens.

Além das duas artistas citadas acima, são entrevistadas, ainda, para a publicação do jornal O Povo, Tatuagens com Mulheres, as tatuadoras Raquel Gomes e Patrícia Borboleta. Patrícia é a tatuadora fortalezense que atua há mais tempo, dentre as mencionadas nesta pesquisa, e, segundo conta na entrevista para o mencionado jornal, sofreu bastante preconceito pelo fato de ser mulher em seus mais de dez anos de carreira, tanto por parte de clientes, quanto por seus colegas de profissão, homens e mulheres, em forma de descrédito e desconfiança com seu trabalho. Hoje a artista já é estabelecida no mercado e uma das tatuadoras mais conhecidas da cidade de Fortaleza.

Da mesma forma acontece com outras artistas da cidade, com seus estilos próprios e exclusivos, com temáticas simbólicas e cheias de significado, que vêm ganhando espaço, especialmente entre as mulheres que buscam se tatuar, em meio a um recente aumento nos debates sobre mulheres e feminismo. Ainda na entrevista do jornal O Povo, a entrevistada Amanda conta que “Tem gente que vem se tatuar porque a gente é mulher, porque se sente à vontade, porque já passou por algum constrangimento ou assédio em estúdio”. Esta percepção nos permite enxergar a trajetória desse novo padrão de consumo de tatuagens que se baseia no significado pessoal da experiência e na exclusividade do desenho.

5.3 As tatuadoras em Fortaleza

Para uma melhor compreensão do assunto, foi preciso pesquisar um pouco sobre algumas das tatuadoras que atuam, na cidade de Fortaleza, pelo motivo de seus trabalhos terem influenciado na escolha do tema desta pesquisa e por serem as artistas mais populares no meio, atualmente, tendo aparecido em artigos e reportagens *online* sobre sua arte. Dessa forma, escolhemos aqui quatro tatuadoras, dentre aquelas já mencionadas acima.

A artista Isa Montenegro teve seu início na tatuagem através de sua irmã, Mariana, que, há alguns anos, já atuava como tatuadora. Diferente da primeira, Mariana, tatua, atualmente, em São Paulo, capital, e tem uma abordagem totalmente voltada para o caráter ritualístico da prática¹⁴. Daí surge a temática da exaltação do feminino e da natureza, seguida

¹⁴ UMA CARREIRA TRAÇADA POR LINHAS SOFISTICADAS. Fortaleza: O Povo, 2012. Disponível em: <<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/economia/2012/08/04/noticiasjornaleconomia,2892131/uma-carreira-tracada-por-linhas-sofisticadas.shtml>> Acesso em: 2 mai. 2017

também por Isa. Como já possuía boas habilidades manuais por seu trabalho como artista plástica, desenvolvido já há alguns anos, Isa não enfrentou muitas dificuldades em se adaptar para este novo formato de produção artística; a tatuadora é uma das mais requisitadas no estúdio onde trabalha, o Kaleidoscope¹⁵.

Já Amanda Roosevelt, a mais jovem das artistas citadas neste trabalho, iniciou sua carreira, há cerca de três anos, por intermédio do dono do estúdio em que tatua, o mesmo mencionado acima, o Kaleidoscope. Conhecendo o talento de Amanda e suas habilidades com desenhos, ele a convidou para aprender a tatuar em seu estúdio. A tatuadora já possuía grande habilidade artística e dominava técnicas de desenho, em especial a aquarela. Esta também desenvolve um trabalho ligado ao sagrado feminino e à exaltação da natureza e alcançou reconhecimento quase que imediato por seus traços e desenhos únicos¹⁶.

Diferente das outras tatuadoras, Raquel Gomes, estudante de direito, começou a tatuar em casa, direto na pele de amigos, que se ofereciam de “cobaia”. Raquel vem se destacando na cena feminina da cidade por conta de seu traço diferenciado e, da mesma forma que as anteriores, com temáticas voltadas ao feminino. Na entrevista do jornal *O Povo*, a tatuadora fala, sobre a presença feminina no mercado de tatuagem, que “gostaria que um dia a gente não precisasse mais falar de mulheres e tatuagem. A gente falasse de tatuagem e, no meio, claro, tivessem mulheres talentosas assim como tem homens talentosos”. Atualmente Raquel trabalha no estúdio Madame Tattoo e figura entre as tatuadoras mais conhecidas da cidade¹⁷.

¹⁵ DOURADO, Gabriela. **Tatuadoras Mostram seu Estilo**. Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://desenroladas.com.br/estilo/looks-tatuadoras/>>. Acesso em 30 abr. 2017.

¹⁶ SANTOS, Lua. **Tatuagens Com Mulheres**. Fortaleza: O Povo, 2016. Disponível em: <<http://especiais.opovo.com.br/tatuagenscommulheres>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

¹⁷ RODRIGUES, Ildefonso. **Arte no Corpo**. Fortaleza: Diário do Nordeste, 2016. Disponível em: <<http://plus.diariodonordeste.com.br/tattoo-arte-no-corpo/>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

6 AS MULHERES TATUADAS DA CIDADE DE FORTALEZA

Na primeira etapa do formulário, a indicativa de perfil, percebemos que temos uma amostra jovem, com idades entre 19 e 25 anos, todas residentes da cidade de Fortaleza (uma das entrevistadas tem raízes em Limoeiro do Norte, no interior do estado, mas já é estabelecida há alguns anos em Fortaleza). O número de tatuagens que cada uma possui variou muito entre as entrevistadas, de um a sete, estando a grande maioria contida no intervalo entre um e quatro tatuagens.

Pedimos para que elas, caso desejassem e fosse possível, enviassem fotos de suas tatuagens feitas por mulheres. Obtivemos respostas positivas de cinco, das doze entrevistadas, que nos enviaram suas fotos via e-mail.

Karmyna Abramovich (22 anos) nos enviou quatro fotos mostrando cinco tatuagens suas: um coração e o contorno de duas figuras femininas se beijando (Figura 5); a frase “I’m alive and vivo / muito vivo” (Figura 6); o contorno de uma figura feminina acompanhada de uma frase (Figura7); e, outra frase, em inglês “*you are art*”¹⁸ (Figura 8).

¹⁸ “você é arte” em inglês.

Figura 5 – Coração e perfil.



Fonte: Karmyna Abramovich.

Figura 6 – Frases de música.



Fonte: Karmyna Abramovich.

Figura 7 – Frase e contorno.



Fonte: Karmyna Abramovich.

Figura 8 – Citação em inglês.



Fonte: Karmyna Abramovich.

Cibelle (21 anos) nos enviou duas fotos de três das suas tatuagens feitas por mulheres. São elas: uma meia lua que forma o símbolo do sexo feminino (símbolo de Vênus) juntamente com a constelação de peixes, seu signo solar (Figura 9); e o sol, a lua e uma flor de lótus que, conectados, fazem o formato de um útero (Figura 10).

Figura 9 – símbolo de vênus e constelação de peixes.



Fonte: Cibelle Costa.

Figura 10 – Sol, lua e flor de lótus.



Fonte: Cibelle Costa.

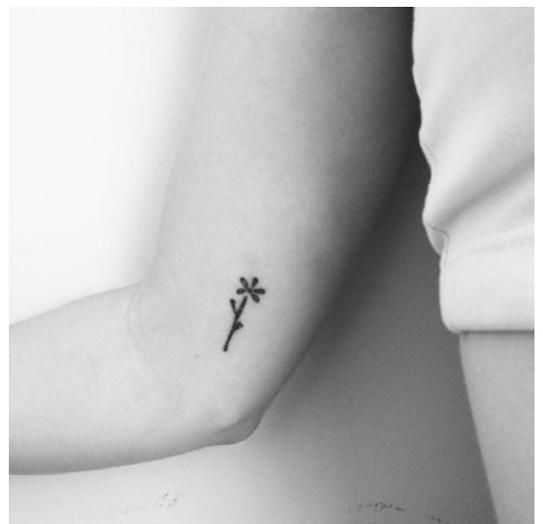
Manu (25 anos) nos enviou duas fotos contendo duas tatuagens suas. A primeira é uma figura feminina, careca, cercada por um triângulo invertido e com a lua de fundo (Figura 11); a segunda é uma flor (Figura 12).

Figura 11 – Lua e triângulo invertido.



Fonte: Manuela Miranda.

Figura 12 – Flor.



Fonte: Manuela Miranda.

Taiz nos enviou duas fotografias de três das suas tatuagens. Uma mostra uma frase escrita em inglês “*I’m not your fucking princess*”¹⁹ (Figura 13); a outra mostra dois triângulos invertidos, o da esquerda com um traço no meio representa o elemento Terra, e o da esquerda representa o elemento Água (Figura 14).

Figura 13 – Frase em inglês.



Fonte: Taiz Lima.

Figura 14 – Dois triângulos invertidos.



Fonte: Taiz Lima.

Marina (22 anos) enviou duas fotos de suas tatuagens. A primeira é um símbolo da Deusa Vênus feito de galhos e folhas delicadas (Figura 15) e a segunda, uma frase onde se lê “Tudo que é belo tende a ser simples” acompanhada de um barco de papel no mar (Figura 16).

¹⁹ Frase em inglês que significa “Eu não sou a porra da sua princesa”

Figura 15 – símbolo de Vênus em folhas.



Fonte: Marina Holanda.

Figura 16 – frase e barco no mar.



Fonte: Marina Holanda.

As ilustrações acima estão carregadas de símbolos que remetem ao feminino, alguns já mencionados neste trabalho. O triângulo invertido, presente em duas das tatuagens mostradas (Figura 11; Figura 14) é uma das mais antigas formas de referência ao feminino, uma forma simples de representar um útero, simbolizando a fertilidade e fazendo alusão a origem da vida. Também já discutidos neste trabalho e presentes em parte das tatuagens mostradas acima, são a flor de lótus (Figura 10) que, principalmente na cultura oriental, é usada como eufemismo para o órgão sexual feminino²⁰ e o símbolo da deusa Vênus (Figura 9; Figura 15), utilizado para designar o sexo feminino

Outro símbolo presente nas ilustrações acima é o da lua (Figura 10; Figura 11), pois ela está ligada em diversos aspectos com a questão do feminino. O culto à lua por parte das mulheres é algo presente em muitas culturas antigas e tem a ver com a ideia da fertilidade e dos ciclos naturais. Da mesma forma, o símbolo do útero (Figura 10) traz essa ideia do culto à fertilidade desenvolvido por povos antigos, como conta Aguiar (2010).

Na questão de número 6, quando perguntadas sobre sua identificação ou participação no movimento feminista, todas responderam que participam de movimentos ou buscam inserir as práticas do feminismo em suas vidas. Algumas são militantes do movimento, como Isabel (21 anos), que participa do movimento RUA – Juventude Anticapitalista e diz ter se reconhecido feminista ainda muito jovem, o que, segundo a

²⁰ PRIETO, Claudiney. **Ritos de Passagem**. São Paulo: Editora Global, 2006

mesma, a ajudou a compreender o espaço que ocupa no mundo e lutar pela quebra dos modelos patriarcais.

Outras, menos engajadas em grupos ou coletivos, buscam trazer melhorias e melhores condições, diariamente, através do que aprenderam com o feminismo durante os anos, como é o caso de Lola (22 anos). Ela nos conta que, depois que teve contato com o feminismo, teve uma mudança considerável na sua vida e na sua forma de se relacionar com os outros, diz, ainda, que as ideias do feminismo a ajudaram a superar traumas e culpas que ela antes carregava, desde a infância, e que, mais além, lhe dá forças para “lutar contra o machismo de todos dias e esperança de dias melhores para nós mulheres”.

Segundo Sardenberg (2006), além de empoderarem a si mesmas, as mulheres têm o poder de facilitar o empoderamento de outras. A autora diz que não se trata de um processo individual, mas, sim, coletivo e acontece de forma espiral e não linear, com ações organizadas coletivamente. Mais além, a autora diz que “a espiral do empoderamento afeta todo mundo: o indivíduo, a facilitadora, o coletivo, a comunidade (Sardenberg, 2006, p. 8)

Na questão 7, perguntamos o que as levou a fazer tatuagens com temáticas feministas e, como resultado, grande parte das respostas falam sobre pertencimento e fortalecimento perante ao feminismo e suas lutas. Lê (19 anos) conta que fez sua tatuagem para ter marcado na pele e sempre mostrar “como é forte o ser mulher”. Karmyna (22 anos) diz que fez suas tatuagens (que são 7 no total, todas com temáticas feministas) como forma de empoderamento e aceitação. Já Marina (22 anos) conta que sua tatuagem é “uma forma de registrar na pele algo que mudou a minha forma de estar no mundo”.

Isso nos faz perceber a importância dada por essas mulheres ao momento em que tiveram contato com o feminismo e nos mostra o quão transformadora pode ser essa experiência, a ponto de se querer ter isso marcado em sua pele. Sardenberg (2006) diz que para que as mulheres possam questionar seu lugar de subordinação na sociedade é preciso que primeiro haja a conscientização e a interiorização da opressão, sendo o processo de empoderamento iniciado por influência externa.

O processo de empoderamento, portanto, tem que ser desencadeado por fatores ou forças induzidas externamente. As mulheres têm que ser convencidas, ou se convencer do seu direito à igualdade, dignidade e justiça. (Sardenberg, 2006, p. 8)

Quanto às motivações das mulheres em fazer tatuagens com outras mulheres (questão 8) encontramos respostas bastante diversas, no entanto, o foco dos discursos era

o fomento e o apoio ao trabalho feminino, como forma de dar espaço às mulheres no mercado de trabalho.

Ainda segundo Sardenberg (2006), para alguém ser empoderado, outro alguém precisa ser desempoderado, como uma transferência de poder. Dessa forma, dando espaço para as mulheres, tira-se espaço daqueles que já dominam o mercado desde o princípio. Assim acreditam nossas entrevistadas, como vemos abaixo:

Todas minhas tatuagens foram feitas por mulheres, independentemente delas serem de cunho feminista ou não. Dar espaço pras mulheres é sempre importante, sem contar que ter uma mulher tatuando é mais atrativo, confortável e, principalmente, confiável (Karmyna, 22 anos).

Da mesma forma, em outras palavras, nos conta Marina, uma das entrevistadas, que sua primeira tatuagem com mulher foi feita em um momento muito marcante da sua vida, no seu primeiro contato com o movimento feminista, que mudaria sua forma de ver o mundo:

Meu corpo enquanto instrumento político carrega marcas da minha trajetória, em linhas, cicatrizes e também em processos artísticos. Pra mim, isso se torna ainda mais potente (e coerente) evidenciando o trabalho de mulheres tatuadoras (Marina, 22 anos).

Sardenberg (2006) explica que o empoderamento da mulher, dentro do contexto feminista, significa o desenvolvimento da autonomia e a libertação dos padrões de gênero impostos socialmente. Dessa forma, ao tomarem controle de seus corpos, tomando decisões individuais sobre eles, e, além do mais, proporcionando mais oportunidades às mulheres que trabalham como tatuadoras; as entrevistadas são, ao mesmo tempo, que empoderam a si próprias, agentes facilitadoras do empoderamento dessas tatuadoras e, mais além, do movimento em si:

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal (SARDENBERG, 2006, p. 2).

Outro motivo apresentado por elas para escolherem mulheres foi, segundo elas, a segurança de que, tatuando-se com uma mulher, ao invés de um homem, estariam livres de possíveis constrangimentos e assédios por parte do tatuador. Fato que já havia sido mencionado pela tatuadora Amanda Roosevelt em sua entrevista para o Jornal *Diário*

*do Nordeste*²¹, quando disse que muitas de suas clientes a procuram, também, pelo fato de ela ser mulher.

A questão 9, que indagava se as entrevistadas consideram que o consumo dessas tatuagens tenha fortalecido o movimento feminista na cidade de Fortaleza, no decorrer da análise dos dados coletados, perdeu sua relevância para o andamento deste trabalho, pois as entrevistadas, tendo se estendido nas respostas das questões anteriores, forneceram, informações suficientes para essa análise.

Já na pergunta de número 10, questionamos se elas acreditavam que o movimento feminista tenha influenciado o crescimento do consumo deste tipo de tatuagens na cidade. Mais uma vez, obtivemos respostas positivas de todas as entrevistadas. De uma forma ou de outra, acreditam que a recente expansão do debate sobre o feminismo influenciou o aumento do número de mulheres que buscam essas tatuagens, como podemos observar nas respostas abaixo:

Sim, acredito que a tatuagem é uma representação daquilo que nos constrói, mesmo quando ela não tem grandes significados atribuídos de maneira direta. Sendo assim, o número de tatuagens feministas ter aumentado é fruto de um processo de aumento do alcance do debate feminista (Isabele, 21 anos).

Sim! O empoderamento dos nossos corpos nos permite expressar o que quisermos neles. O trabalho de ilustradoras e tatuadores feministas sendo exposto na internet e o maior número de garotas se identificando com o feminismo fez com que se tivesse acesso e crescesse a vontade de tatuagens assim (Aline, 22 anos).

A ascensão do feminismo nas redes sociais tem uma influência direta e muito forte na visibilidade e divulgação dos trabalhos de ilustradoras e tatuadoras. Essa visibilidade proporciona empoderamento, é a ideia “se ela pode, eu também posso” que veio se propagando e contribuindo pra que mais mulheres mostrassem seu trabalho, consequentemente, mais mulheres feministas o consumissem (Marina, 22 anos).

No capítulo número 3 deste trabalho, intitulado Tatuagem, Mulheres e Consumo, falamos sobre como Lipovetsky (2007) descreve o capitalismo de consumo no qual estamos inseridos atualmente. Segundo o autor, o consumo deixou de ser uma questão de ostentação material e passou a ser uma questão de bem-estar, dessa forma, a experiência do consumo tem maior valor que o produto consumido, já que, agora, buscamos uma ligação emocional com aquilo que consumimos.

Da mesma forma, essas mulheres buscam consumir essas tatuagens feministas, com mulheres, pois se sentem bem; seja ao praticar a sororidade (exercício da

²¹ RODRIGUES, Ildefonso. **Arte no Corpo**. Fortaleza: Diário do Nordeste, 2016. Disponível em: <<http://plus.diariodonordeste.com.br/tattoo-arte-no-corpo/>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

união e empatia de mulheres para com mulheres) dando oportunidade a outra mulher, seja ao celebrar o seu ser, ou, ao afirmar seu lugar no mundo através de uma tatuagem. Esse é o padrão de consumo em que vivemos atualmente, segundo Lipovetsky (2007), no qual os produtos que consumimos são mais que objetos, eles têm significado e valor, pessoal ou pertencente a um grupo.

Quando questionadas se foi proposital a escolha de só se tatuar com mulheres ou porque passaram a só se tatuar com mulheres (questão 11) encontramos respostas semelhantes às das questões 8 e 10, como podemos observar abaixo:

Sim, o mercado de tatuagens ainda é extremamente masculino e machista. Nesse sentido acredito ser de suma importância fortalecer e incentivar o trabalho de outras mulheres, como forma de afirmação (Isabele, 21 anos).

Foi mais uma coisa que aconteceu. Fiz as duas primeiras no mesmo dia. Depois conheci a minha nova tatuadora oficial. Sempre via os trabalhos dela e queria fazer. E aí certa vez ela fez um desenho justamente de algo que eu tava querendo muito tatuar e deu certo. E gostei muito do trabalho dela. Recentemente ela fez uma promoção e fiz mais uma. Depois da experiência com ela e de relatos de assédios e outras coisas que acontecem com tatuadores homens tenho considerado manter isso como posição mesmo. Me tatuar só com mulheres (Karol, 22 anos).

Eu tenho uma tatuagem que foi feita por um homem (amigo), porém prefiro fazer tatuagem com mulheres por conta da importância de enaltecer esse trabalho e também pra mostrar que tem muita gata se garantindo nos riscos. E também por conta de saber que o trabalho da mulher nessa sociedade não é valorizado, então temos que nos fortalecer. Não só tatuagem, mas tudo que vou fazer prefiro uma profissional mulher. Além dessa consciência, fazer tatuagem com uma mlr deixa muito mais a vontade do que um homem que talvez possa me assediar (Lolla, 22 anos).

As respostas demonstram uma busca constante de expandir e criar espaços para as mulheres tatuadoras, propiciando o empoderamento das mesmas (SARDENBERG, 2006). Mais além, exibem uma preocupação com a experiência em si, que para elas, é superior ou de maior qualidade com tatuadoras que com tatuadores o que vai de acordo com o padrão de consumo vigente que prioriza experiências em detrimento do produto final (LIPOVETSKY 2007).

Na questão 12, quando perguntadas se acreditam que fazer tatuagens de cunho feminista com mulheres é uma forma de empoderamento, as entrevistadas respondem de forma positiva, evidenciando um desejo de coerência e de parceria com as mulheres que executaram essas tatuagens, como vemos abaixo:

Com toda certeza. Qual a lógica de fazer uma tatuagem feminista com um homem, tendo em vista a variedade de excelentes artistas mulheres que são tatuadoras (Taiz, 24 anos).

Sim. Duplamente. Acho que ter uma tatuagem de cunho feminista já é uma forma de empoderamento, sendo feita por homem ou por mulher. Quando é uma artista que é responsável pelo trabalho, fortalece e aproxima as mulheres umas das outras (Manu, 24 anos).

Por querer tatuar o símbolo feminista, pensei logo que não poderia fazer isso com um homem, devia ser uma troca de experiência entre eu e outra mulher. Daí escolhi a Isa Montenegro, pois gosto bastante do estilo dela de desenho (Aline, 22 anos).

Ainda sobre o empoderamento, sob a perspectiva feminista, Sardenberg (2006) diz que empoderar é um ato reflexivo, que não se empodera alguém, no máximo, cria-se um espaço propício para o empoderamento. O que estabelece uma boa razão para as mulheres buscarem outras mulheres para se tatuar, já que o empoderamento feminino engloba toda uma classe da sociedade e, dessa forma, além de empoderar-se a si mesmo, quando decide tatuar-se, a mulher empodera a todas as outras e a todo um movimento, também, quando escolhe ter esse trabalho feito por outra mulher.

Mais além, ao escolherem não fazer tatuagem com homens – os agentes historicamente dominantes no mercado, não só da tatuagem, mas, num aspecto mais amplo, de todo o mercado de trabalho – elas estão escolhendo não fortalecer, e, assim, enfraquecer, o domínio exercido por estes. Ainda, ao tatuar-se com uma mulher, abre-se espaço para que as tatuadoras mostrem seus trabalhos e possam continuar quebrando com os padrões já estabelecidos, já que, segundo Sardenberg (2006), empoderamento é, também, a quebra desses padrões:

Mas para nós o objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas” (SARDENBERG, 2006, p. 2).

Por fim, na questão de número 13, perguntamos se elas consideram a tatuagem uma forma de expressão de suas identidades. As respostas apontam para uma grande importância dada por essas mulheres as tatuagens como parte de suas identidades:

Sim. As minhas tatuagens foram feitas em momentos memoráveis, nos quais estive rodeada de outras mulheres que são feministas ou se identificavam com a causa, mesmo as tatuagens que tenho que não tiveram simbologia feminista. Elas me representam e fazem parte de mim. É uma forma de dizer quem sou antes mesmo que eu me apresente. Eu tenho uma conexão muito forte com as minhas tatuagens e uma relação de amor também. Nunca me arrependi de nenhuma, pelo contrário, queria ter muitas outras, e tenho o maior orgulho de explicar o que significam quando me perguntam o que são (Cibelle, 21 anos).

Sim. Escolhemos o que tatuar e onde. Escolhemos se a mensagem do desenho vai ser óbvia “pra” qualquer um que vê, só para poucas pessoas íntimas ou só pra si mesmo. Decidimos se vai em um local muito ou pouco visível (Manu, 25 anos).

Assim, percebemos que a tatuagem é vista por essas mulheres como algo capaz de passar uma informação sobre si mesma a quem se deseja, seja para qualquer um, quando a tatuagem é facilmente visível, ou para algumas poucas pessoas. De acordo com Secco (2016), a tatuagem é uma forma do indivíduo se colocar no mundo.

A tatuagem é uma maneira da pessoa se subjetivar, e se destacar no grupo social. A tatuagem é projeto individual que permite ao sujeito tatuado delimitar seu lugar histórico e cultural na sociedade em que vive. Ela é feita para a própria pessoa e para os outros que vão enxergar a tatuagem (SECCO, 2016, p. 2).

Dessa forma, quando fazem uma tatuagem, essas mulheres estão não só mostrando um pouco de sua individualidade, mas, também, estão afirmando seu lugar na sociedade.

CONCLUSÃO

A prática milenar da tatuagem permeou diversas culturas e povos antigos, tendo diferentes significados atribuídos a ela. Em algumas sociedades, a prática passou, de mal vista e sinônimo de criminalidade, para algo socialmente aceito e popularmente utilizado, sendo considerada uma forma de arte. As mulheres que possuíam tatuagens foram, durante muito tempo, atração de shows de horror em circos. Esse estigma vem sendo desconstruído aos poucos no decorrer dos anos e, hoje, já encontramos um grande número de mulheres que tem lugar de destaque, até superior a outros tatuadores, no mundo da tatuagem. Como é o caso das tatuadoras mencionadas neste trabalho.

Grande parte desse processo se deve ao feminismo, que teve suas raízes na Europa, no fim da Revolução Industrial, e depois espalhou-se pelo mundo, inicialmente, através de jovens mulheres de classe alta que viajavam de seus países de origem para a Europa e, ao retornarem, traziam consigo os ideais feministas. Uma das mais importantes e memoráveis lutas do movimento feminista foi a luta pelo voto feminino.

Durante toda a história da humanidade símbolos têm sido utilizados para designar o feminino. Nos povos antigos, era comum o culto à fertilidade através da adoração de figuras femininas. Os cultos ao feminino estavam, muitas vezes, ligados aos cultos à natureza, pois, a ideia da fertilidade estava presente em ambas.

Hoje, tatuar esses símbolos não tem mais tanto a ver com o culto à fertilidade, como nos tempos antigos, mas sim, com a exaltação do ser feminino.

O consumo de tatuagens, historicamente, vinha sendo associado a comportamentos desviados e até criminosos, por ser uma prática pertencente ao submundo dos marinheiros, trabalhadores braçais e prostitutas, sendo, muitas vezes praticada em becos escuros e fundos de barbearias. Assim, não foi uma prática imediatamente popular entre as classes superiores. Mas, o maior avanço pela aceitação e popularização da tatuagem veio no período pós anos 1960, com os movimentos sociais.

Desta década em diante, houve diversos avanços na expansão da prática, proporcionadas, também, por uma recente melhoria na qualidade e diversidade dos materiais disponíveis. Atualmente, experimentamos um consumo da experiência. Não mais nos interessamos pelo produto final; a experiência da aquisição do produto tem maior valor para o sujeito. Dessa forma, as mulheres de Fortaleza buscam tatuar desenhos com temas feministas com mulheres por desejarem celebrar seu eu feminino, não importando se a tatuagem vai ser num local de fácil visibilidade ou não. A tatuagem para

a mulher, segundo a pesquisa realizada e os resultados aqui apresentados, tem um significado, na maioria das vezes, mais íntimo do que público e, dessa forma, não necessita ficar exposta.

As respostas das participantes indicam o desejo de ação em relação a assegurar o lugar da mulher no mercado da tatuagem. Foi percebido, também, um interesse em buscar visibilidade e credibilidade equivalente, senão superior, para as tatuadoras que atuam na cidade em relação aos tatuadores. Da mesma forma, as entrevistadas buscam, por meio de suas tatuagens, ter gravado em suas peles um símbolo de sua individualidade como parte de um coletivo, tendo em vista que percebem o corpo como instrumento político.

Como desdobramento deste trabalho, uma futura pesquisa pode buscar entender porque as tatuadoras de Fortaleza resolveram tornar a prática de tatuar algo mais pessoal, conhecendo suas clientes e trabalhando de forma colaborativa na construção dessa arte, fazendo com que ambas sejam cocriadoras de desenhos exclusivos.

Outra pesquisa poderia buscar quantificar o crescimento notável de mulheres no mercado de tatuagem, assim como entender como elas se inseriram nele e como fazem para se destacar em um meio predominantemente masculino. Outro trabalho poderia abordar a maneira que as mulheres tatuadas se enxergam como feministas após a aquisição desses desenhos como forma de empoderamento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Regina Meira. **Ritual da lua: o eterno retorno do feminino**. [S.I.:s.n], [2010]. Disponível em: < <http://www.oswaldocruz.br/download/artigos/social12.pdf> >. Acesso em: 18 jun 2017.

BARBAJOSA, Cassandra Franklin. **Tattoo: Pigments of Imagination**. National Geographic Magazine, 2014. Disponível em: <http://ngm.nationalgeographic.com/ngm/0412/online_extra.html>. Acesso em: 29 maio 2016

CASTILHO, Kathia; VILLAÇA, Nizia. **O novo luxo**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008.

DOURADO, Gabriela. **Tatuadoras Mostram seu Estilo**. Fortaleza, 2014. Disponível em: < <http://desenroladas.com.br/estilo/looks-tatuadoras/>>. Acesso em 30 abr. 2017.

FLORIO, Gina M. **7 Beautiful Historical Symbols For The Vagina**. Bustle, 2015. Disponível em: <<http://www.bustle.com/articles/111250-7-historical-symbols-for-the-vagina-that-do-it-justice>>. Acesso em: 31 maio 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. São Paulo: Estação das letras e cores, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade do Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARQUES, Toni. **O Brasil Tatuado e Outros Mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MIFFLIN, Margot. **Bodies of Subversion: A Secret History of Woman and Tattoo**. Brooklyn: PowerHouse Books, 1997.

PATTERSON, Leigh. **From Kat Von D to Len Dunham: An Amazing History of Women and Tattoos**. [S.I.:s.n], 2013. Disponível em: < <http://flavorwire.com/366800/from-kat-von-d-to-lena-dunham-an-amazing-history-of-women-and-tattoos> >. Acesso em: 21 jun. 16.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Curitiba: Revista Social e Política, 2010. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em 29 maio 2016.

PORCELLA, Audrey. **Tattoos: A Marked History**. San Luis Obispo: California

Polytechnic State University, 2009. Disponível em:
<<http://digitalcommons.calpoly.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1006&context=socssp>>
. Acesso em: 30 maio 2016.

PRIETO, Claudiney. **Ritos de Passagem**. São Paulo: Editora Global, 2006.

RODRIGUES, Ildefonso. **Arte no Corpo**. Fortaleza: Diário do Nordeste, 2016.
Disponível em: <http://plus.diariodonordeste.com.br/tattoo-arte-no-corpo/>>. Acesso em:
26 abr. 2017.

SANTOS, Lua. **Tatuagens Com Mulheres**. Fortaleza: O Povo, 2016. Disponível em:
<<Http://especiais.opovo.com.br/tatuagenscommulheres/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. Salvador: NEIM/UFBA, 2006. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%200na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2016.

SECCO, Larissa Rossetti. **A Tatuagem como Fator de Identidade**. São Paulo, 2016.
Disponível em: <<https://larissarossetti.jusbrasil.com.br/artigos/398817929/a-tatuagem-como-fator-de-identidade>>. Acesso em: 10 jun 2017.

SINHA-ROY, Piya. **Tattooed Women Outnumber Men in a New Poll**. Los Angeles, 2012. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-tattoos-women-idUSTRE8241SF20120305>>. Acesso em: 30 maio 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

UMA CARREIRA TRAÇADA POR LINHAS SOFISTICADAS. Fortaleza: O Povo, 2012. Disponível em:
<<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/economia/2012/08/04/noticiasjornaleconomia,2892131/uma-carreira-tracada-por-linhas-sofisticadas.shtml>> Acesso em: 2 mai. 2017.

VASCONCELLOS, Nuta. **A História das Tatuagens em Garotas**. [S.I.:s.n], 2013.
Disponível em: <<http://www.gwsmag.com/a-historia-das-tatuagens-em-garotas/>>.
Acesso em: 30 maio 2016.

VASCONCELOS, Amanda Sombra. **A trajetória da tatuagem: do preconceito à moda**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2016.

WATSON, Joel. **Why Did You Put That There?: Gender, Materialism and Tattoo Consumption**. Salt Lake City: University of Utah, 1998.

WITCOMBE, Christopher L.C.E. **Venus of Willendorf**. [S.I.] Christopher L.C.E. Witcombe, 2013.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada

- 1 Como podemos te chamar?
- 2 Qual é a sua idade?
- 3 De onde você é?
- 4 Quantas tatuagens você tem?
- 5 Quantas delas possuem temática feminista?
- 6 Você se identifica com a causa feminista ou participa de algum movimento?
- 7 O que te levou a fazer tatuagens de cunho feminista?
- 8 Por que você escolheu uma mulher para fazer essa tatuagem?
- 9 Você acha que o consumo desse tipo de tatuagens fortaleceu o movimento feminista na sua cidade?
- 10 Você acha que o movimento feminista influenciou no crescimento desse consumo?
- 11 Foi proposital a escolha de só se tatuar com tatuadoras?
- 12 Você considera que fazer tatuagens de cunho feminista com mulheres é uma forma de empoderamento?
- 13 Você considera que a tatuagem é uma forma de expressão da sua identidade?